

# **Da audácia originária à consolidação normatizada da CAPES**

**André Haguette**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

haguetteandre@gmail.com

Causa-me grande satisfação olhar para trás e constatar que o hoje Departamento de Ciências Sociais teve, ao longo de seus movimentados cinquenta anos, o desenvolvimento esperado de uma instituição universitária, chegando firme e forte à oferta de uma graduação e de um programa de pós-graduação consolidados e reconhecidos com ensino e pesquisa de qualidade. Em rápidas pinceladas, gostaria de retratar o percurso desse departamento no que me parece de mais sintomático e valioso relembrar criticamente. Assim, destaco quatro etapas de sua carreira institucional: os audaciosos primórdios; o deslanche da pesquisa e o dogmatismo teórico; a fragmentação e o doutorado; a consolidação normatizada da CAPES.

## **Os audaciosos primórdios**

A exemplo da própria Universidade, que nasce alheia à pequena política local, com o firme propósito de alcançar o Universal pelo

Regional, promovendo o desenvolvimento do Ceará com convênios nacionais e internacionais, a equipe do recém-criado Departamento de Ciências Sociais, fruto do desmembramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pensa grande e rápido, ecoando as palavras do poeta “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Concomitantemente à criação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais (primeira turma em 1968), dá-se sequência a projetos de pesquisa herdados do Instituto de Antropologia, vinculando, dessa forma, desde as origens, ensino e pesquisa com estudos em duas Áreas Pesqueiras Litorâneas, Almofala e Canoa Quebrada, e em uma favela de Fortaleza (Lagamar). A esses três projetos se acrescentaria um quarto sobre o Comportamento Político no Ceará, com financiamento do Social Science Research Council, dos Estados Unidos. No seu nascimento, o Departamento montava um curso e pesquisava (I) o pescador artesanal cearense e seu meio social, (II) a migração do sertanejo e sua adaptação à cidade e (III) a vida política cearense!

Como se tudo isso não bastasse para uma pequena equipe de pioneiros, o Departamento solicita à UNESCO e obtém um convênio de cooperação e assistência técnica que traria nomes importantes da Sociologia e da Antropologia francesas e americanas, tendo como resultado um grandioso projeto de estabelecimento de um Instituto de Pesquisas Sociais para o Desenvolvimento do Nordeste e do Norte do Brasil, ligado à UFC e com sede em Fortaleza. Como desdobramento e consequências dos estímulos das missões da UNESCO cria-se, já em 1971, o Programa de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais do Nordeste – PRAPSON, com os objetivos de coordenar e desenvolver as atividades de pós-graduação do Departamento, que se tinha tornado Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, visando, a médio prazo, à organização e instalação de um curso regular de Mestrado, o

que veio a ocorrer poucos anos depois, em 1976, quando é instituído o Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento.

Em 1975, celebrava-se um Acordo de Cooperação Interuniversitária entre o Brasil e a França, acordo esse que teve relevantes consequências para o Departamento, que passou a receber Missões de professores franceses que permitiram elevar o nível dos trabalhos acadêmicos, bem como possibilitou Missões de professores do Departamento em universidades francesas, inclusive para estudos de mestrado e doutorado. Além do Acordo de Cooperação UFC/TOURS, desenvolveu-se um intenso roteiro de contatos pessoais e institucionais entre professores e pesquisadores ligados a universidades brasileiras, americanas, francesas e alemãs, iniciativa que será repetida posteriormente, por exemplo, com um acordo com a Universidade de Lyon.

Vale mencionar que, tendo em vista a abertura futura de um programa de Mestrado e de Doutorado em Ciências Sociais, o Departamento planejou a saída de seus professores para, no Brasil ou no exterior, completar sua formação acadêmica obtendo os títulos de mestres e de doutores.

O que ainda hoje levanta minha surpresa e admiração é a vitalidade, o movimento intrépido, a amplitude de visão e a intensidade da primeira década desse Departamento muito bem-nascido no meio à adversidade que foi o Regime Militar. Nesse tocante, vale ainda mencionar duas iniciativas marcantes e decisivas. Em primeiro lugar, dois encontros promovidos pelo Departamento de representantes dos centros nacionais de pós-graduação em Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Ciência Política para troca de experiências e projetos, encontros que devem ser considerados precursores da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais).

Em segundo lugar, a criação, já em 1970, de uma *Revista de Ciências Sociais*. Até hoje, fico pasmo, boquiaberto, refletindo na audácia dos colegas em dar início a uma revista em um ambiente tão desfavorável em todos os aspectos, até mesmo pela juventude e pela pouca formação acadêmica dos professores, além das precárias condições de trabalho, que obrigavam o corpo docente a ter diversos empregos! Essa revista, ainda hoje em circulação, veio a se constituir a revista brasileira mais longeva no campo das Ciências Humanas, graças ao árduo e competente trabalho de abnegados colegas.

Que magia, que entusiasmo e que solidariedade nos reuniam e nos animavam para desenvolver as Ciências Sociais, a UFC e o Ceará, em meio à resistência aos Governos Militares. Éramos amadores, candidatos à profissionalização que viria logo em seguida. A primeira década dotou o Departamento de doutores, de projetos de pesquisa, de uma revista, de convênios internacionais, de visitas constantes de professores de universidades nacionais e internacionais, inventou a ANPOCS, focou o desenvolvimento do Nordeste, combateu a Ditadura, deu início à pós-graduação, isto é, pensou e agiu grande. Os anos que se seguiram, felizmente, deram sequência a essas iniciativas acadêmicas, mas não sem percalços.

## **O deslanche da pesquisa e o dogmatismo teórico**

Muita coisa havia mudado quando se iniciou a segunda década, inclusive as condições de trabalho, especialmente os salários, já que acessamos o regime de Dedicção Exclusiva, o que permitiu a profissionalização do corpo docente e uma melhoria na formação dos professores. Por conta da reforma universitária que instituiu um ano

básico comum à área de Humanidades, o Departamento assumiu a tarefa de ministrar diversas *Introduções* e viu seu corpo docente crescer com diversos concursos para professores de Sociologia, Antropologia, História, Ciência Política, Psicologia e Filosofia. Talvez se possa dizer que o Departamento inchou atarefado com o ensino de diversas *Introduções*.

Ao lado dessa dispersão em diversos cursos de graduação da área de Humanidades, essa década viu professores de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, sobretudo, centrar seus esforços sobre o Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento, a pesquisa e a publicação científica. Ainda eram poucos os docentes com formação acadêmica suficiente para enfrentar as exigências da CAPES para cursos de Mestrado. A chegada de novos docentes e de professores visitantes veio preencher o vazio e, aos poucos, tornou-se viável não somente imprimir qualidade ao curso como almejar a abertura de um curso de Doutorado.

Para tanto, era obrigação desenvolver pesquisas e publicações científicas, o que não era tarefa fácil por absoluta falta de recursos materiais e financeiros. Num outro movimento ousado, foram criados dois Núcleos (precursores de diversos Laboratórios instalados nos anos 2000) que permitiram um intercâmbio com outros centros nacionais e forneceram meios financeiros para a participação de pesquisadores em eventos nacionais, como ANPOCS e outros. O primeiro núcleo criado foi o NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais), que visava reunir pesquisadores em torno de diversos projetos e pesquisas coletivas financiados por órgãos nacionais de fomento à pesquisa. O segundo foi o NUDOC (Núcleo de Documentação Cultural) voltado principalmente à História Oral, em colaboração com o CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. NUDOC objetivava

principalmente gerar um banco de dados sobre a história do Ceará, entrevistando pessoas que tivessem tido ações relevantes, como Parcival Barroso, Martins Filho, Virgílio Távora e outros.

A dificuldade maior, porém, era a publicação, o que levou o Departamento, via NEPS e NUDOC, a lançar os *Cadernos de Ciências Sociais* e a *Coleção Pesquisa Social*, mimeografados a duras penas para divulgar as pesquisas e promover a produção científica dos docentes. Esse esforço “doméstico” alavancou estudos sociais e serviu para alimentar a revista do Departamento, assim como outros periódicos que estavam surgindo aqui e acolá.

A década de 1980 se destacou também por um dogmatismo e um fundamentalismo marxista no ensino tanto na graduação como no mestrado, mas sobretudo no mestrado, onde os alunos e alguns poucos professores recusavam todo e qualquer estudo que não fosse marxista. Ensinar Marx e o marxismo em um curso de Sociologia é preciso; mas não um marxismo ortodoxo de feitura marxista-stalinista, que obrigasse a desconsiderar outras correntes sociológicas como as de Max Weber, de Emile Durkheim e de tantos outros. Da mesma forma, a estatística e a pesquisa quantitativa chegaram a ser demonizadas, além de que o ambiente em sala de aula tornou-se desagradável e, sobretudo, estéril. Tudo isso é compreensível; estávamos a viver os últimos anos do Regime Militar e o marxismo estava em alta nacional e internacionalmente. A década de 80, apelidada de Década Perdida, foi na realidade, no Brasil, a década dos movimentos sociais, que levaram ao fim dos Governos Militares, à anistia, à proclamação de uma nova Constituição e à redemocratização da política. O Departamento, alunos e professores, eram fortemente engajados nesses movimentos.

## A fragmentação e o doutorado

A década de 1990 foi bem mais tranquila, tanto no Departamento, quanto nos cursos de graduação e de mestrado. No Brasil, a democracia estava de volta e, com ela, a nova Constituição. No cenário internacional, a queda da União Soviética tornava o marxismo ortodoxo sem charme, embora uma vertente cearense desse marxismo fundamentalista perdure até hoje, apesar de sua pouca significância numérica. Dessa forma, foi possível retomar nas aulas o estudo indispensável do pensamento de Marx e dos marxismos. Mas a onda marxista tinha passado abrindo passagem a Max Weber, Norbert Elias, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, que reinavam tanto na sala de aula como nos projetos de pesquisa. Pouco a pouco, a Sociologia do Desenvolvimento e suas temáticas estruturais cedem lugar a teorias a pesquisas mais interpretativas, baseadas em estudos de casos. Isso se torna evidente com a criação de um Programa de Doutorado, coroamento de uma constante ascensão na qualidade dos estudos no Departamento e na formação dos professores; não se fala em Doutorado em Sociologia do Desenvolvimento, mas em um Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Sociologia.

Vale destacar, ainda, a progressiva departamentalização das Ciências Sociais, que procuraram formar seus próprios departamentos, cursos de graduação e de pós-graduação. Assim, ao longo de três décadas, os docentes de Psicologia, de História e de Filosofia se desligaram do grupo de Sociologia, de Antropologia e de Ciência Política para formarem seus próprios departamentos em um processo de fragmentação das Ciências Humanas, imitando universidades americanas e nacionais. Esvaziava-se, então, a possibilidade de reunir os professores de diferentes Ciências Sociais em algo como uma Faculdade de

Ciências Sociais e Filosofia, o que poderia favorecer o entrosamento de pesquisadores de diversas áreas do estudo do homem no seu meio ambiente e social. A departamentalização excessiva, por razões administrativas, de poder e de vaidade individuais, empobrece o estudo das Ciências Humanas, que na realidade formam uma unidade temática. Como separar História, Filosofia, Antropologia e Sociologia, para ficar somente num exemplo? A convivência entre alunos, professores e pesquisadores de cada uma das Ciências Humanas traria grandes vantagens pedagógicas e epistemológicas. Ainda existe a tentação de dar continuidade à fragmentação, criando departamentos e cursos de Antropologia e de Ciência Política ao lado dos de Sociologia, ficando assim cada vertente do estudo social do homem no seu quadrado.

Mesmo assim, os anos 90 devolveram a seriedade ao ensino e à aprendizagem que o curso de graduação desfrutou no seu primeiro decênio. A abertura do Doutorado e do Laboratório de Estudos da Violência, ambos em 1994, contribuíram muito para isso, bem como para um incremento ainda maior da pesquisa. Merece destaque ainda a qualidade dos alunos de nossos cursos tanto de graduação como de pós-graduação, o que é comprovado pelas notas obtidas em sucessivas avaliações nacionais.

## **A consolidação normatizada da CAPES**

Assim chegamos aos anos do novo milênio, à maturidade tanto do Departamento como dos cursos de graduação e de pós-graduação, completando uma evolução que pode ser considerada fecunda e feliz, embora não sem perigos nem limitações. Com a abertura do Doutorado, precisava-se mais do que nunca manter viva a pesquisa tanto dos professores como dos alunos. Criaram-se, então, vários novos



Laboratórios e um Grupo de Estudos que reuniram docentes e alunos em torno de diversos projetos de pesquisa de acordo com determinadas temáticas: Laboratório de Estudos de Política e Cultura (LEPEC), Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia (LEPEM), Laboratório de Estudos da Cidade (LEC), Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO), Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas (GEPE), cada um desses laboratórios e grupo vinculando-se a entidades congêneres nacionais, o que também facilitou os contatos com editoras e deu um impulso à publicação científica. O desafio passava a ser a manutenção e a regularidade tanto na pesquisa quanto nas publicações.

Vale acrescentar, todavia, que a consolidação da qualidade dos trabalhos do departamento e de seus cursos passou a ser dependente de critérios e de normas ditadas e editadas pela CAPES, o que não ocorria e continua não ocorrendo sem tensões nem dificuldades. Chegava-se a uma maturidade do Departamento tutelada e fiscalizada pelas normas da CAPES e do CNPq no que concerne às bolsas atribuídas aos alunos de pós-graduação, à avaliação qualitativa dos cursos e à possibilidade de financiamento e de bolsas de pesquisas a docentes. Muitas das normas desses órgãos de fomento, no entanto, foram concebidas ao longo dos anos mais em função dos trabalhos realizados em cursos de pós-graduação dos campos de ciência da natureza, saúde e tecnologia, do que tendo em vista as peculiaridades do modo de agir e de atuar nas Ciências Sociais e nas Humanidades, o que veio a sobrecarregar os docentes dessas duas áreas. O modo de executar pesquisas e de publicar seus resultados se constitui num bom exemplo. Enquanto nos três primeiros campos citados, a pesquisa e, conseqüentemente, as publicações são executadas de forma coletiva e em forma de artigos em revistas nacionais e internacionais; já nas ciências do homem, as pesquisas e as publicações são na sua grande maioria obra de um

único pesquisador e divulgadas em livro, o que, evidentemente, torna o empreendimento muito mais lento e custoso.

Apesar disso, o Programa de Pós-Graduação vem obtendo excelentes conceitos nas avaliações, mesmo enfrentando o estresse de uma pesada burocracia e de normas inadequadas. Essa talvez seja a razão principal de uma divisão entre os docentes do Departamento, havendo, de um lado, os que trabalham tão somente na graduação e, por outro, aqueles que labutam tanto na graduação quanto na pós. Os docentes que atuam na graduação e na pós-graduação somam tarefas de pesquisa, orientações, publicações e preenchimento de diversos relatórios, além de, eventualmente, dedicarem-se à administração. Se a carga de trabalho é pesada, ela provoca grandes tensões e pode fazer com que docentes desistam da pós. A preocupação e a responsabilidade de manter o alto conceito da pós, ano a após ano, e mesmo de elevá-lo são, ao mesmo tempo, estimulantes e extenuantes. Uma característica dos docentes do Departamento é que seus doutores nunca se negaram a ensinar na graduação, o que não ocorre em muitos departamentos da UFC.

O departamento enfrenta limitações no recrutamento de seus membros pelo fato de que poucos doutores brasileiros e estrangeiros se dispõem a vir para universidades nordestinas, as instituições do Sul e do Sudeste merecendo a preferência. Essa circunstância faz com que haja uma forte tendência de endogenia empobrecedora por não favorecer uma desejável diversidade de vivências acadêmicas, de metodologias e de línguas de trabalho. Isso significa que o Departamento renova ou realimenta seu quadro de professores basicamente com estudiosos cearenses; na maioria ex-alunos que cursaram todas as etapas de sua formação, da graduação ao doutorado, no próprio Departamento. Não somente não há uma desejada internacionalização do corpo do-

cente como tende a inexistir em intercâmbio nacional. A reprodução é interna e limitada, diferentemente do que ocorre nas grandes universidades estrangeiras que recebem professores do mundo inteiro numa verdadeira globalização de seu quadro docente.

Se os anos 1980 se caracterizaram pela predominância de um ensino marxista decadente e os anos 1990 permitiram o reencontro de muitos dos grandes sociólogos, as últimas duas décadas tomaram a direção da etnografia, deixando de lado as orientações dos clássicos da Sociologia. Predomina na graduação e especialmente na pós-graduação, talvez sob o impulso das dissertações de mestrado e das teses de doutorado, o estudo dos significados sobre as estruturas, dos estudos de casos sobre o estudo das grandes questões nacionais; a microsociologia sobre a macro, e a conjuntura sobre a estrutura. Os estudos se tornaram mais interpretativos do que explicativos e a “grande sociologia” (“grand theory”) tende a ceder o lugar à pesquisa qualitativa que reina eclipsando quase que totalmente as temáticas quantitativas. O local vence e elimina o global. Essa tendência afasta o Departamento do estudo de temas vibrantes na sociedade a seu redor; não se estuda a pobreza, a transformação do Estado, a desigualdade social, a previdência social, os partidos e reformas políticas e coisas semelhantes de maneira a poder sugerir políticas adequadas. Como foi dito anteriormente, abandonou-se as ideias de desenvolvimento, políticas públicas, planejamento, voltando-se sobre os significados e as definições que indivíduos e pequenos grupos dão às suas ações. É bem verdade que alguns professores remam contra a correnteza e que há um esforço bem-sucedido para estudar as estruturas da violência urbana, levantando políticas para debelá-la e que se iniciou estudos sobre o mundo da escola básica. É possível que o recém-criado Mestrado em Antropologia permita o retorno ao estudo das estruturas societárias.

Paradoxalmente, mas não surpreendentemente, a consolidação burocrática de acordo com os critérios e as normas da CAPES, a tensão constante para a manutenção e uma melhoria conceitual nas avaliações e a virada, não para a Antropologia, mas para a Etnografia e para uma Sociologia Interpretativa necessariamente centrada no individual se fizeram acompanhar de um duplo fenômeno: uma certa apatia política e uma politização partidária petista, fenômenos concomitantes, já que autores, entre os quais Francisco de Oliveira, Frei Betto, Ruy Braga e Carlos Nelson Coutinho, observaram que a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder teve por efeito uma desmobilização política dos trabalhadores e dos intelectuais. A participação do Departamento e de seus membros em atividades e movimentos sociais perdeu ímpeto e a análise sociológica societária e política tornou-se mais parcial. Mas, essa diminuição da presença do Departamento na vida da sociedade mais ampla pode ser, simplesmente, uma consequência de seu sucesso em ter cumprido um ciclo virtuoso ao longo dos cinquenta anos passados.

Talvez seja próprio a um departamento universitário desenvolver um interesse mais rigorosamente científico e técnico, afastando-se dos barulhos da sociedade, sobretudo num momento em que se acredita que as grandes narrativas, as classes sociais e as utopias tenham morrido ou desaparecido. Há, todavia, a possibilidade de que essas afirmações podem ser uma “astúcia da razão”, quando não há argumentos decisivos para pensar que a excelência acadêmica deva afastar-se das questões que atormentam a sociedade, sobretudo uma sociedade carente como a nossa. A excelência acadêmica requer, com certeza, uma ciência apartidária, autônoma, livre, crítica, metódica e verificável, mas não um trabalho alheio aos dramas e aos ensejos da sociedade. Ela é empírica e incansável na busca por soluções “em prol das classes

mais carentes”, como propunha Saint-Simon.

A influência do Departamento, no entanto, se faz sentir de forma decisiva e benéfica na oferta de profissionais graduados e, sobretudo, pós-graduados, mestres e doutores, para todas as atividades de Ciências Sociais e mais especificamente para o ensino em Universidades, Centros Universitários e Faculdades do Ceará. Basta percorrer a relação dos professores dessas diversas instituições de ensino e pesquisa para constatar a grande contribuição do Departamento ao fazer das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política.

Pode-se então concluir, feliz: cinquenta anos de vida, cinquenta anos de crescimento, cinquenta anos de serviços de qualidade prestados à UFC, ao Ceará e ao Brasil. Cinquenta anos de luta do bom combate.

**Resumo:**

O Departamento de Ciências Sociais teve, ao longo de seus movimentados cinquenta anos, o desenvolvimento esperado de uma instituição universitária, chegando firme e forte à oferta de uma graduação e de um programa de pós-graduação consolidados e reconhecidos com ensino e pesquisa de qualidade. Em rápidas pinceladas, gostaria de retratar o percurso desse departamento no que me parece de mais sintomático e valioso relembrar criticamente. Assim, destaco quatro etapas de sua carreira institucional: os audaciosos primórdios; o deslanche da pesquisa e o dogmatismo teórico; a fragmentação e o doutorado; a consolidação normatizada da CAPES.

**Palavras-chave:** formação; pesquisa científica; teoria sociológica; sociologia no Brasil.

**Abstract:**

In the form of a testimony, the text notes that the UFC Department of Social Sciences has had, over its busy fifty years, the expected development of a university institution, arriving firm and strong to offer a degree and a program of consolidated and recognized postgraduate courses with quality teaching and research. In quick strokes, I would like to portray the course of this department in what seems to me most symptomatic and valuable to recall critically. Thus, I highlight four stages of his institutional career: the daring beginnings; the rise of research and theoretical dogmatism; fragmentation and doctorate; the normalized consolidation of CAPES.

**Keywords:** academic training; scientific research; sociological theory; sociology in Brazil

Recebido para publicação em 08/01/2019.

Aceito em 28/02/2019.